



Resenha: Algumas reflexões em torno de Medicina e Literatura (*Que médicos queremos?* de Jorge Cruz)

Book Review: Some thoughts about Medicine and Literature (Which Physicians We Want? Jorge Cruz)

Reseña: Algunas reflexiones sobre Medicina y Literatura (Lo que los médicos quieren? Jorge Cruz)

Ana Paula COUTINHO¹

RECEBIDO: 19.05.2014
APROVADO: 08.06.2014

“Fui ao médico e disse-lhe: «Sofro de antecipações da morte.». O médico primeiro ficou calado e depois pediu-me que descrevesse.[...] Eu sabia que não estava a ser claro mas tinha esperança de que me percebesse sem eu dizer, como quem aponta e basta para saber do que se trata.”

Pedro Paixão

Quando, há uns meses atrás, o Doutor Jorge Cruz teve a amabilidade de me contactar a pretexto da alegada revisão linguística do seu livro, *Que médicos queremos?*, a leitura das suas páginas, redigidas de forma clara e concisa, num estilo acessível a um público alargado, embora sem concessões a um qualquer simplismo didático-comercial, logo me tornou evidente que a razão mais importante desse seu ato de confiança tinha outro nome, a saber: a Literatura na sua relação com a Medicina, ou vice-versa.

Foi no contexto do Curso de Doutoramento em Bioética na Universidade Católica que tive a oportunidade de conhecer o Doutor Jorge Cruz, tal como outros profissionais da saúde que constituíam a maioria dos participantes da pós-graduação. Fora com grande satisfação que tomara conhecimento do propósito da Direção desse Curso, promovido pelo Instituto de Bioética da Universidade Católica, em integrar

¹ Professora Associada do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutorada em Literatura Comparada. *E-mail:* amendes@letras.up.pt.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicina 2 (2014/1)*.
Os Fundamentos da Bioética
The Foundations of Bioethics
Los Fundamentos de la Bioética

Jan-Jun 2014/ISSN 1676-5818

um módulo de reflexão a partir de textos literários, em cuja componente letiva viria a ter o privilégio de colaborar num módulo sobre a representação da doença, e da morte em particular. Para mim, não se tratava de uma mera questão de orgulho pessoal (como continua a não ser), ver reconhecida aquela que é a minha área de formação e de trabalho.

Na realidade, estava e está em causa algo muito mais forte do que isso: uma arreigada convicção da necessidade de intervenção do cruzamento de áreas de conhecimento que foram sendo afastadas entre si por interesses vários, e que a evolução histórica da sociedade como do conhecimento tanto explica como nos obriga a relativizar e a questionar, justamente porque nos leva a ver que a confluência dos saberes não só esteve na origem do conhecimento humano, como também o acompanhou durante muitos e muitos séculos.

Vindo eu do domínio da Literatura Comparada, entendida esta como área de investigação e ensino das relações entre a Literatura e outros discursos epistemológicos ou artísticos, a relação entre Literatura e Medicina impõe-se-me antes de mais como uma evidência histórica, inscrita já nos textos da Antiguidade Clássica, raízes de todo o nosso conhecimento e cultura ocidentais, onde ressalta a profunda afeição ao conhecimento ou à chamada filosofia, atravessada por saberes de medicina, botânica, astrologia, retórica ou poesia, entre outras formas de abordagem do Homem e do mundo que o rodeia.

Essa, digamos, convivência de saberes que virá a conhecer ainda como ícone o Homem do Renascimento ou genericamente conhecido como “Humanista” (e que, já agora, deu origem a uma fascinante personagem, Zenão, no inesquecível romance de Marguerite Yourcenar, *A Obra ao Negro*), essa estreita convivência, dizia, viria a sofrer um golpe profundo com a divisão entre Ciências e Humanidades que se consuma, sobretudo, a partir do século XVIII, em grande medida por influência da chamada Filosofia das Luzes.

Os séculos seguintes encarregar-se-iam de cavar ainda mais essa separação de águas, desenhando “ilhas” e “ilhotas” disciplinares em cada um dos caudais (se me é permitido continuar com essa alegoria topográfica), criando especializações cada vez mais restritas, onde a celebração de um saber mais específico e aprofundado se tem tantas vezes perigosamente confundido com uma delimitação possessiva de território, ou seja, com a sinalização de mais um pequeno domínio de poder.



Chegados que estamos a um novo século e a um novo milénio, passada que está, aliás, a sua primeira década, vão crescendo os sinais e as vozes que apontam para a necessidade de rever este divórcio secular entre Ciências, umas chamadas “exatas” ou “duras”, outras “sociais” e “humanas” (e quanto haveria aqui a acrescentar sobre os pressupostos desses qualificativos!), sendo este segundo grupo aquele que engloba áreas e disciplinas anteriormente designadas como “Humanidades”.

Num tempo tão paradoxal como aquele que nos está a ser dado viver, tanto se assiste a uma desvalorização das Humanidades, desde logo em termos curriculares nos diferentes níveis de ensino, desinteresse sumariamente sustentado na sua fraca rentabilidade ou empregabilidade nas sociedades contemporâneas, como se depara também com a chamada de atenção, em várias frentes, para a urgência de complementar as formações cada vez mais específicas e tecnológicas com uma formação humanista, no sentido mais abrangente, nobre e consistente do termo, que colmate graves lacunas de formação noutras áreas culturais como a Filosofia, a História, as Línguas, a Literatura e/ou outras expressões artísticas.

Algumas universidades – e desde logo universidades estrangeiras consideradas de topo, mas também entre nós, registe-se, a Universidade do Minho, com os chamados “domínios verticais” no seu curso de Medicina - têm apostado nessa associação de saberes que se não é de modo nenhum nova, aponta para um paradigma outro de conhecimento, onde o grande desafio não é (ou não deverá ser) a simples adição de informações, mas sim a pesquisa e o ensaio cada vez mais sólidos da articulação complementar de saberes com um propósito comum e nuclear: o conhecimento e a preservação do mundo, da vida ou da criação em todas as suas formas.

Assim, em boa hora, seguindo a lógica do próprio pensamento de Edmund Pellegrino, o Doutor Jorge Cruz dedicou os últimos capítulos do seu livro *Que médicos queremos?* às temáticas da “Medicina e Humanidades” e da “Relação médico-paciente na Literatura”.

Se é verdade que a Medicina é a mais humanista das ciências e a mais científica das humanidades, como defende Pellegrino (note-se, aliás, que o radical indo-europeu “med-“, que significa cuidar, é comum à palavra meditação, ou ao verbo meditar), importa defender a inclusão das Humanidades na formação dos estudantes de Medicina, como o fez Pellegrino, médico e pioneiro da Bioética. E eu diria até mais: essa formação inclusiva deveria acontecer não apenas na formação inicial dos médicos como na sua formação (obrigatória) ao longo da vida, (co)respondendo assim à



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicina 2 (2014/1)*.

Os Fundamentos da Bioética

The Foundations of Bioethics

Los Fundamentos de la Bioética

Jan-Jun 2014/ISSN 1676-5818

consideração tão sábia quanto oportuna do conhecido médico português, escritor e pintor, Abel Salazar: “o médico que só sabe medicina, nem medicina sabe”.

Correndo o risco de ser a este nível suspeita, não posso deixar de sublinhar a importância da Literatura nessa formação humanística dos médicos, uma vez que ela representa já, em si mesma, um vasto domínio onde confluem muitos outros saberes, por vezes também de natureza científica, e onde são trabalhadas as grandes questões existenciais que ocupam e atravessam igualmente outras áreas do conhecimento.

Quando se pensa nas relações entre Medicina e Literatura, imediatamente vêm à ideia os muitos casos de médicos-escritores, não só ao longo dos tempos, como em diferentes quadrantes geográficos e culturais, facto esse que levou à fundação, em 1959, da *Union Mondiale des Écrivains-Médecins*. A existência de tantos casos de complementaridade de ação ou de “identidade dupla” é já em si mesma bastante sintomática, supondo, por conseguinte, várias afinidades entre esses dois tipos de “intérpretes de signos”, cuja observação radica e se transforma em narrativa.

No entanto, de modo nenhum o estudo desses exemplos de “identidade dupla” esgota as virtualidades das relações entre Medicina e Literatura. Que puderam (ou podem) aproveitar todos os restantes - os que são médicos e que não são escritores, os que não são nem uma coisa nem outra, mas que um dia já foram ou serão doentes - do contacto com a Literatura e até muito em especial do contacto com a Literatura atravessada pelos universos da Medicina e da doença? Eu diria que uns e outros têm a ganhar com a leitura e a análise dos textos literários (tanto contemporâneos como antigos), na medida em que eles preparam (ou podem preparar) para a observação, para a interpretação, para a reflexão e para a comunicação, em suma, para o reconhecimento e uso cada vez mais ajustado das palavras, não exatamente, claro, de termos científicos, mas das palavras que concorrem para discursos de reflexão e de comunhão; palavras que ressoam conhecimento do passado, que se adaptam ao presente e que imaginam futuro.

Muitas vezes se tem justificado alguma manifesta deterioração da relação médico-paciente com a falta de tempo, com o excesso de burocracia e com o aumento exponencial de exames complementares de diagnóstico. Sabemos bem que essas são razões muito verídicas, mas convir-se-á que, por vezes, existe também, ou quiçá sobretudo, uma falta de sensibilidade ou de compreensão por parte dos médicos (bem como de outros profissionais de saúde) das múltiplas formas de que se revestem o sofrimento, a doença, a angústia, o desespero ou a morte. Por outras palavras, existe incompreensão perante tentativas indiretas do dizer ou mesmo de silêncios na



declaração de doença por parte do próprio doente, o que tantas vezes compromete irremediavelmente a sintonia na relação fundadora do encontro entre médico e paciente, e que é, ela própria, ocasião de biografia.

Quer isto dizer que existindo, por parte do médico e/ou de outros profissionais da saúde, falhas no conhecimento do humano – um conhecimento que extravasa de tabelas e nomenclaturas anatómicas ou fisiológicas - instala-se já aí uma incapacidade de comunicação porque incapaz de aceder a uma efetiva individuação. Ora, esta individuação é fundamental para o diagnóstico, prognóstico e terapêutica, concebidos não só em si mesmo, ou seja, em abstrato, mas sobretudo adaptados a uma relação com um outro específico, aberta à singularidade do seu rosto, da sua linguagem verbal e corporal, portanto resistente a (se não mesmo incompatível com) consultas no mundo virtual ou à chamada *e-medicina*.

O convívio com a boa Literatura, portuguesa ou estrangeira, e chamo aqui boa Literatura àquela que se foi mostrando ao longo dos tempos exigente do ponto de vista estético, isto é, do trabalho com a linguagem, não exatamente apenas com a linguagem como um valor em si mesma, mas enquanto meio de representação e construção da densidade antropológica e de questionação do mundo, esse convívio - dizia - não significa um mero conhecimento livresco, como muitas vezes é pejorativamente apontado, mas confere ao leitor (ou pode conferir, se a leitura for aprofundada pela suscitação e discussão de questões antropológicas, filosóficas, estéticas, históricas ou mesmo religiosas) uma experiência maturada de vida.

Através de processos de exposição e de identificação, a leitura de textos literários constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento dessa experiência refletida, fazendo com que cada um, e no caso concreto, cada médico se torne mais humano, no sentido em que o humano é um processo sempre em aberto. Com efeito, nunca será demais lembrar que mais do que nascermos humanos, vamos-nos tornando humanos.

Pelo que acabo de muito sucintamente expor, facilmente se entenderá que não concebo a relação entre Medicina e Literatura na base da eventual evasão ou do mero lazer (embora, claro, a leitura de textos literários faça parte para maioria dos seus tempos livres), nem tão pouco como uma espécie de complemento de erudição opcional e decorativa. O que está em jogo quando se cruzam estas duas áreas do conhecimento e respetivos quadros epistémicos e retóricos, é tão importante e complexo quanto a compreensão e representação da vida humana nas suas diferentes



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicina* 2 (2014/1).

Os Fundamentos da Bioética

The Foundations of Bioethics

Los Fundamentos de la Bioética

Jan-Jun 2014/ISSN 1676-5818

e complementares vertentes, pelo que não se deverá ficar por um simples voluntarismo de horas vagas ou de vagas afinidades.

De resto, o aturado estudo do Doutor Jorge Cruz a partir da obra de Edmund Pellegrino, mostra bem que não bastam nem ideias imprecisas, vulgo preconceitos, nem legislações muito sofisticadas - por muito bem-intencionadas que umas e outras possam ser - para que estejamos perante uma Medicina radicada em valores humanistas e éticos.

Em primeiro lugar, importa que saibamos exatamente o que está em causa por detrás dos princípios, modelos e termos, expressos ou subjacentes a diferentes práticas de Medicina. Depois, importa ter em conta as dificuldades que se apresentam na passagem das teorias às práticas. Nesse sentido, enquanto leitora e cidadã, (e até agora pelo menos, pontualmente paciente ou familiar de pacientes), a explicitação do chamado “paradigma das virtudes” foi para mim muito esclarecedora. Não que eu não tivesse já intuído que um médico deverá ter certos traços de carácter como a prudência ou a justiça, mas o enquadramento e explicitação dessas e outras “virtudes” permitiu-me tomar consciência de diferentes pressupostos e consequências na formação dos médicos e no decurso do exercício da sua atividade; permitiu-me encontrar termos mais adequados e fundamentados para dirimir argumentos e para me envolver naquela pergunta que dá título ao livro de Jorge Cruz - “Que médicos queremos?” - fazendo-o não de uma forma mais ou menos emotiva e volátil, como tantas vezes se assiste na praça pública, mas de um modo mais consciente e consistente.

Julgo que este acesso às palavras adequadas (como aquelas a que a Literatura também tantas vezes dá acesso), esta consciência de valores estruturantes de uma prática tão nobre como a prática médica, pode vir a reunir quer pacientes e sociedade em geral num propósito comum traduzível no completar do título com o verbo ter - “que médicos queremos ter?” -, quer aqueles que, pelas suas funções, a completarão com o verbo ser - “que médicos queremos ser?”. Parece-me evidente que só quando houver, ou sempre que houver, essa conjunção de vontades e de expectativas, existirá uma verdadeira relação clínica em prol do humano. Tanto da humanidade do paciente como da humanidade do médico.